



Brendan Behan

NOVA IORQUE



Tradução de
Rita Graña

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© Beatrice Behan, 1964

Título original: *Brendan Behan's New York*
Autor: Brendan Behan
Prefácio: Enrique Vila-Matas
Ilustração: Paul Hogarth
Tradução: Rita Graña
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Távares

1.ª edição: Março de 2010

2.ª reimpressão: Junho de 2011

ISBN 978-989-671-028-6

Depósito Legal n.º 306289/10

ÍNDICE

7	PREFÁCIO <i>por Enrique Vila-Matas</i>
11	O FBI chega à cidade
43	O que andam a fazer ali pela Broadway e pelos bares?
41	No centro da cidade, na zona norte, dentro e fora de Harlem
71	Os da Geração Beat, os de Bowery e os chineses
99	Mandem um abraço a Staten Island
145	ÍNDICE REMISSIVO
150	NOTA BIOGRÁFICA

PREFÁCIO
por Enrique Vila-Matas

O acaso é um extraordinário conselheiro de leitura. Soube deste livro e do nome de Brendan Behan por um texto de Enrique Vila-Matas publicado no El País, em 2008. O entusiasmo do escritor espanhol despertou-me o interesse, e a leitura deste retrato ébrio de Nova Iorque fez-me pensar de imediato que teria de o partilhar. O texto de Vila-Matas seria a melhor porta de entrada para a obra do escritor irlandês, inédito em Portugal. Imaginei-o como o prefácio ideal, mas Enrique Vila-Matas respondeu-me que esse texto, com pequenas reformulações, fará parte do seu próximo romance, pelo que não seria pertinente usá-lo aqui. Dispôs-se no entanto a escrever um outro texto, inédito, como prefácio a esta edição. Assim fez. Cabe agradecer-lhe duplamente a generosidade: pelo texto de apresentação que está neste livro e pela chamada de atenção para a obra de Brendan Behan.

CARLOS VAZ MARQUES

EXCEPCIONAL E ENGENHOSO MONÓLOGO, o livro de Brendan Behan é um solilóquio tão emotivo quanto humorístico sobre a cidade de Nova Iorque, que o autor considera (eu também) o lugar mais fascinante do mundo.

Nada — diz Behan — pode comparar-se a essa cidade eléctrica, que é o centro do universo. O resto é silêncio, flagrante obscuridade. «Depois de ter estado em Nova Iorque», diz Behan, «qualquer pessoa que regresse a casa dar-se-á conta de que o seu lugar de origem é bastante escuro.»

A mim acontece-me sempre isto quando deixo Nova Iorque e regresso à minha cidade, e este livro de Behan é em parte culpado de isso me acontecer, porque o livro deixou em mim uma estranha *saudade** de bares onde nunca entrei.

Ele escreveu-o em fim de vida no Hotel Chelsea, quando já estava muito alcoolizado, no princípio dos anos sessenta. Eram dias de *twist* e *madison*, mas também de uma incipiente revolução.

* Em português e em itálico no original.

Alguns anos antes, o galês Dylan Thomas tinha-se apresentado no Chelsea, na noite de 3 de Novembro de 1953, anunciando que tomara dezoito uísques seguidos e que considerava aquilo um recorde (morreu seis dias depois).

Passados uns dez anos, como se aquele fosse sem tirar nem pôr o próprio «barco ébrio» do poema de Rimbaud, o irlandês Behan havia de apresentar-se também naquele hotel em condições tão alcoolizadas como as do galês, e seria auxiliado pelo dono do Chelsea, que lhe daria alojamento e que lhe permitiu escrever este livro nos corredores do hotel.

Porque ele escreveu o livro fora do seu quarto, num corredor — depois de várias incursões pelo Chelsea consegui confirmá-lo — do mesmo andar em que vivera Dylan Thomas. E o livro foi ditado, não foi escrito, porque Behan já andava por esses dias espectacularmente bêbado.

Vivia na memória dos bares que agora eu, sem nunca os ter frequentado, costumo recordar.

*Para a América,
a minha nova pátria.
Aquele que te odeia
odeia a humanidade.*

O FBI CHEGA À CIDADE



Sou o filho do descendente do Rei da Grécia
que casou com a filha do Rei da Irlanda,
e viajou para Oeste.

O Mar Vermelho abriu-se para nós. Fomos *quakers* perante Deus,
mas não tememos nenhum Rei Terreno.

Somos um povo da Bíblia,
do Antigo Testamento,
do Novo Testamento,
ou de nenhum Testamento.

Levamos Los Angeles connosco,
e Lutero e Francisco de Assis
e Robert Ingersoll e Tom Paine.

Somos brancos, cor de café, pretos ou de um bonito tom de bronze.
Somos tão sofridos como a vida humana, e igualmente emocionantes.
Somos homens.

Os pássaros, segundo nos explicam na escola, onde as lições nos são
desvirtuadas por professores cripto-pássaros,
são muito inteligentes e até constroem ninhos.

Mas quantos pássaros seriam necessários
para construir o Empire State Building?

— A CIDADE DE NOVA IORQUE é um inferno — disse uma
velhota do Midwest que vivia comigo no Hotel Algonquin. Ou melhor, tinha um quarto no mesmo andar do nos-
so e usava o elevador ao mesmo tempo que nós.

— Nunca me senti tanto em casa como em Nova Iorque — respondi.

— Até pode ser verdade — retorquiu a velhota do Midwest.

Não tenho qualquer receio em afirmar que Nova Iorque é a mais magnânima cidade à face deste mundo de Deus. Basta olhar para ela a partir do ar, do rio, da estátua do Padre Duffy. Nova Iorque é unanimemente considerada a maior cidade do mundo, vista seja por que prisma for: de frente, de costas, ou mesmo dos lados.

Londres é uma tarte larga e espalmada de subúrbios de tijolos vermelhos, com o West End entalado a meio como se fosse uma baga. Nova Iorque é uma enorme e deliciosa uva-passa, e é a maior cidade que eu consigo imaginar.

Uma cidade é um lugar onde o Homem vive, caminha, conversa, come e bebe, em plena luz do sol ou da electricidade, durante vinte e quatro horas por dia. Em Nova Iorque, às três da manhã, podemos andar pela rua, ver multidões, ler os jornais e tomar uma bebida: sumo de laranja, café, uísque, seja o que for. É o maior espectáculo do mundo, para toda a gente. A sua fabulosa beleza nocturna, mesmo há quarenta anos, fascinava o mundo inteiro.

Quando cheguei a casa vindo da Broadway, onde estava em cena a minha peça *The Hostage*, a minha mulher disse-me:

— Oh, não é fantástico estar de volta? Como te sentes por regressar a casa?

— Escuta, Beatrice — disse eu. — Está muito escuro!

E acho que, depois de ter estado em Nova Iorque, qualquer pessoa que regresse a casa dar-se-á conta de que o seu lugar de origem é bastante escuro.

Ninguém vai a uma cidade para ficar sozinho, de maneira que o verdadeiro teste é a capacidade que nela encontramos para estar e conversar com outras pessoas. Uma cidade é um lugar onde, no mínimo, é provável apanharmos alguns coices, mas eu diria que Nova Iorque é a cidade mais amistosa que conheço. O jovem poeta russo Yevtushenko disse que, para ser completamente honesto, Nova Iorque era o lugar mais emocionante onde alguma vez estivera, em toda a sua vida.

Conheci um velho irlandês que lá foi quando tinha setenta e cinco anos e já estava doente. Como uma Lourdes iluminada, Nova Iorque curou-o e ele viveu ainda muitos anos, saudável e feliz. Até pintou a avó da minha mulher. O seu nome era Jack Yeats, o pai de William Butler Yeats, o grande poeta da Irlanda e do mundo, e de Jack B. Yeats, ele próprio um grande pintor.

A minha mulher diz que Nova Iorque é como uma feira de luxo e que quem disser que não se sente impressionado com o seu *skyline* ou é cego ou está a mentir.

Uma das coisas mais espantosas que descobri relativamente aos americanos, e aos nova-iorquinos em concreto, é que andam sempre a vangloriar-se com histórias de subornos e corrupção, como se se tratasse de uma invenção especial só sua e que mais ninguém conhecesse. Gabam-se da desumanidade da multidão, dizem que um homem

podia passar um mês inteiro deitado em Times Square sem que ninguém se aproximasse dele, a menos que fosse para o roubar ou violar. Acho que eles viram, tal como todos nós, demasiados filmes sobre Nova Iorque, ao mesmo tempo que, como não podia deixar de ser, estão a elogiar-se a si mesmos, pois, ao descreverem a crueldade daquela cidade, estão a afirmar quão corajosos têm de ser para conseguirem sobreviver nela. É uma cidade dura, aquela. Que tipo tão duro ele é, para ter vivido tantos anos ali. O *melting pot* do mundo, e ele nasceu ali.

Se dissermos a um nova-iorquino que ele não é propriamente o homem mais fadado do mundo para ganhar dinheiro, bem, ele poderá sentir-se um pouco insultado. Por outro lado, a verdade é que todos eles estão sempre dispostos a oferecê-lo. Apesar de ter ouvido alguns sabichões contarem-me histórias sobre vagabundos que morrem com milhões guardados, nunca vi ninguém que tivesse um tostão a pedir outro tostão na rua. Ninguém pede dinheiro, a menos que precise genuinamente dele. É como dizer que temos um amigo íntimo. Se temos um amigo, é um amigo. Como raios poderia ser outra coisa senão um amigo íntimo?

Certa vez, almocei com Frank S. Hogan, o promotor público de Nova Iorque, que conversou comigo acerca do crime na cidade. A minha experiência com promotores públicos não é muito extensa, uma vez que o único que conheço é Bernie Hoffer, um sionista convicto. Hoffer enviou a mulher e a família, que vinham de Nova Iorque, para Israel, para trabalharem na agricultura. Parece-me que, por mais

que gostem de Israel, eles não eram propriamente talhados para o trabalho agrícola, de modo que se sentiam mais à vontade em Manhattan do que por aquelas bandas.

Porém, Frank Hogan pareceu-me um indivíduo bastante afável. Explicou-me que grande parte do crime cometido por adolescentes, o qual acontece por todo o lado, se deve a variadíssimos motivos. Nalguns casos, de acordo com Hogan, a culpa era dos pais, noutros, o ónus estava nas condições económicas. Não apontava o dedo a nenhuma raça ou credo em particular, mas é óbvio que os imigrantes mais recentes não se encontram em boa situação financeira. Odeio a palavra «desfavorecidos», mas percebi que a alta taxa de criminalidade entre aqueles jovens não era unicamente culpa dos miúdos.

Não me pareceu que Frank Hogan gostasse muito de falar sobre o facto de ter de processar pessoas que eram por vezes enviadas para a cadeira eléctrica, de maneira que começámos a conversar sobre temas mais agradáveis.

— Brendan — disse ele, — muitos irlandeses dizem-me que a minha mãe não era irlandesa porque não tinha um nome irlandês.

— Antes de avançar — interrompi-o, — digo-lhe já que, em primeiro lugar, o nome dela era Smithwick, que em irlandês se pronuncia «Smithick», e, em segundo, que conheci o seu primo, Walter Smithwick, um cervejeiro com quem partilhei excelentes bebidas. Posso afaçar-lhe — continuei — que ele mora numa casa chamada Kilcreene Lodge e que nessa casa, entre outros pertences, encontra-se

uma pintura em tamanho real de Napoleão, obra de Jacques-Louis David, o famoso pintor francês da Revolução e da Corte Napoleônica.

— Você é que devia ser promotor público — disse Frank Hogan. — Parece saber tudo.

Certa vez, eu próprio me vi metido em sarilhos, a norte da fronteira, no Canadá, o que pode ou não ter sido culpa minha. Não estou a tentar dar nenhum empurrão ao Canadá, garanto-vos, mas se algum canadiano que pagar em dinheiro comprar este livro, tem a minha bênção. Acho que Toronto será um excelente lugar, assim que estiver terminado.

O falecido Gilbert Harding, que era uma figura bem conhecida da televisão inglesa, esteve uma vez em Toronto a convite da Canadian Broadcasting Corporation. A anfitriã do evento perguntou-lhe em que zona da cidade iria ficar. Quando ele lhe disse a morada, ela respondeu:

— Esse lugar não é muito recomendável, Sr. Harding.

— Pois não — retorquiu Gilbert Harding. — Nem Toronto o é.

Tive autorização para sair passado uma semana, mediante o pagamento de uma fiança de mil dólares, e não quis ir para muito longe de Times Square. O homem que me pagou a fiança disse-me que gostaria de ir visitar Nova Iorque, mas teve a impertinência de acrescentar que não gostaria de lá ficar. Estou certo de que muitos dos meus leitores iriam expressar o mesmo sentimento. A minha resposta, para ele e para todos, é a seguinte:

— Bem, e alguém pediu que viessem?

Chegam a Nova Iorque duzentas e cinquenta mil pessoas por ano, de maneira que não me parece que a cidade vá ficar sem habitantes, pelo menos para já.

Os táxis em Nova Iorque são bastante acessíveis, em comparação com todas as outras cidades que conheço, e andam sempre por toda a parte. Os taxistas tentam honrar a reputação que têm todos os taxistas: a de espertalhaços. Como eu próprio trabalho no ramo dos espertalhaços, não gosto de concorrência, nem mesmo da parte de taxistas nova-iorquinos.

A principal característica do taxista de Nova Iorque é que não é abelhudo (não nos pergunta quem somos, nem o que fazemos, nem de onde vimos, a menos que lhe ofereçamos tais informações de forma espontânea), mas conta-nos todas, mas mesmo todas as suas maleitas, desde o pé inchado até à dor de cabeça.

Não quero, como diria Cyril Connolly, «estar para aqui com grandes coisas», mas o cenário dos hospitais na América não parece muito favorável quando comparado com o da Inglaterra, ou até mesmo com o da Irlanda. Deve haver algo de muito errado num sistema que exige duzentos e cinquenta dólares adiantados (cerca de oitenta e cinco libras) para que um hospital nos aceite.

Foi precisamente o que me aconteceu. Porém, a verdade é amarga, e creio que honro os meus amigos americanos ao dizer-lhes aquilo que penso.

Dizem-me que nem toda a gente é feliz a toda a hora, nem mesmo em Nova Iorque. Existem corações destruídos

ÍNDICE REMISSIVO

- ALEX, MONSIEUR: 80
Aqueduct (pista de corridas): 48
Archie and Mehitabel: 74
Associação de Jornalistas de Nova Iorque: 52
Associação dos Jovens Católicos: 81
Associação dos Jovens Judeus: 83
- BABY GRAND CLUB: 93
Bacall, Lauren: 128
Baldwin, Jimmy: 44
Banco Chase Manhattan: 125
Bankhead, Tallulah: 76
Bard, Sr.: 72
Bard, Stanley: 72
Bar Mitzvah: 22-3, 25
Battenburg, Príncipe Max de: 122
BBC: 46, 126
Beach, Sylvia: 104-5
Beckett, Samuel: 109
Behan, Beatrice: 4, 12
Belmont (pista de corridas): 49
Bennett, Bob: 25
Berman, Shelley: 21-2
Betjeman, John: 76
Biblioteca Pública de Nova Iorque: 55
- Blue Angel: 20-1
Boland, Freddie: 118, 129
Bolsa de Valores de Nova Iorque: 94
Boucicault, Dion: 22
Boulevard St. Germain: 91, 106
Boulton, Agnes: 73
Bowery: 5, 111, 113-8, 120
Braque, George: 30
Brasserie: 29
Briscoe, Robert: 65
Broadway: 5, 12, 18, 22, 24, 46-50, 53, 54, 61, 80, 83, 86, 102, 110, 116, 133, 143
Bronx: 95-6, 131
Bronx, Jardim Zoológico do: 95-6
Brooklyn: 45, 84, 101, 111
Brooklyn Heights: 101
Brooks Brothers: 24
Bruskin, Perry: 102
- «CANÇÃO DO SOLDADO, A»: 143
«Cidade da noite»: 122
Campos Elíseos: 43
Canadian Broadcasting Corporation: 16
Catedral de São Patrício: 47
Cearnach, Conal: 31

Central Park: 95
 Centro Rockefeller: 53
 Chan, Johnny: 120
 Channel Islands: 112
 Chaplin, Oona (nascida O'Neill): 73
 Chayefsky, Paddy: 25
 Cherry Grove: 87, 88
 Chinatown: 100, 120-2
 Chumley's: 101
Circle in the Square, The: 102
 Claridges: 114
 Cohan, George Michael: 47
 Collins, Michael: 103
 Columbia Broadcasting System: 53
 Comissão de Boxe de Nova Iorque:
 51
*Comportamento Sexual do
 Homem*: 27
 Concurso Canino da Royal Dublin
 Society: 19
 Coney Island: 84-5
Connection, The: 102
 Connolly, Cyril: 17
 Costello, Joe: 60
 Costello, Sra.: 62
 Costello, Tim: 60-2, 74, 118, 120
 Costello's: 60-2
 «DOUANIER, LE»: 31
 Daly, Sr.: 53
 David, Jacques-Louis: 16
 Davies, Arthur B.: 72
 De Burca, Seamus: 143
 Dempsey, Jack: 50
 De Valera, Eamon: 133
 Dia de São Patrício: 19, 20, 56, 68,
 101, 110
 Don Marquis: 74
 Douglas, William O.: 26
 Downey, Jim: 29, 48-9, 128, 132
 Downey's Steak House: 29, 48
 Duffy, Padre: 12, 47-8
 EDIFÍCIO TIME-LIFE: 59
 Edimburgo, Duque de: 122
 Egan, Coronel Eddie: 31
 Eiffel, Gustave: 44-5
 Eiffel, Torre: 44-5
 Emmet, Robert: 55
 Emmet, Thomas Addis: 55
 Empire State Building: 11
 England, Bispo: 55
 Estação de Pensilvânia: 85
 Estátua da Liberdade: 44-5
 Eton: 27
Exiles: 105
 FARRELL, JAMES T.: 72, 73
 Festa de São Januário: 100
 Fields, Frank: 93-4
 Filadélfia: 23
 Fire Island: 84-6, 89
 Fitzgerald, Scott: 105
 Flaherty, Robert: 72
 Flynn, Sra. Elizabeth Gurley: 74
 Ford, Menina: 119
 Ford, Patrick: 119
 Fox, Padre Tom: 110
 Francis, Arlene: 53
 Fulton, Mercado do Peixe de: 54,
 56, 59
 «GERAÇÃO PERDIDA»: 108
 «Give My Regards to Broadway»: 47
 Gallagher, Johnnie: 62
 Garfinkle, Jeannie: 79
 Garfinkle, Willie: 78, 79
 Geis, Bernard: 80
 Gelber, Jack: 102
 Genet, Jean: 102

George V: 114
 Geração Beat: 5, 108
 Ginevan, Allen: 49
 Gladstone, William Ewart: 73
 Gleason, Jackie: 128-9
 Gordon: 73
 Gordon, Max: 20
 Greenwich Village: 99
Guernica: 33
 HARDING, GILBERT: 16
 Harlem: 5, 89-90, 93, 100
 Harlow, Jean: 66
 Harriman, Governador: 30
 Harrow: 27
 Harvard: 50, 51
 Hemingway, Ernest: 61, 105
 Henny's Steak House: 133
 Henry, O.: 72
 Hoffer, Bernie: 14
 Hogan, Frank S.: 14-6, 120
 Hogarth, Paul: 4, 62
 Hollywood: 28, 34, 51
Hostage, The: 12, 43, 50, 93, 102, 128
 Hotel Algonquin: 11, 23-4, 78, 111
 Hotel Chelsea: 7, 8, 71-2, 74, 76, 79,
 81, 111, 131
 Hotel St. George: 84
 Howe, Almirante Lorde: 55
 Hurley Brothers and Daly: 53
 Hurleys, Os: 53
 Hyde Park: 112
 IGREJA DA TRINDADE: 54
 Igreja de Santo António: 100
 Igreja de São Paulo: 54, 56
Importance of Being Oscar, The: 110
 Irish Club: 94
Irish World: 118-9
 JEFFS, RAE: 79
 Jimmy Glennon's: 62
 Johnson, Dr.: 110
 Joyce, James: 29, 72, 104-5, 113, 121
 KEARNEY, JIMMY: 125, 131
 Kearney, John: 134
 Kearney, Kathleen: 67
 Kearney, Mary: 134, 137
 Kearney, Peadar: 133, 143
 Kearney, Tio-avô Patrick: 134
 Kearney's Saloon: 66-7
 Kearney Júnior, Jimmy: 131
 Keen's: 132
 Kelly, Walt: 61
 Kennedy, Aeroporto: 40
 Kennedy, Presidente: 31
 Kernoff, Harry: 19
 Kerouac, Jack: 107-8
 Kerr, Walter: 50
 Kilcreene Lodge: 15
 Kinsey, Doutor: 27
 Kleinsinger, George: 74, 95, 131
 Kline, Franz: 33, 101
 Klipstein, Abner: 119
 LARKIN, JIM: 59
 Lipsett, Jack: 132
 Londres: 12, 46, 94, 99, 114, 130
 Long Island: 85, 136
 Lycett-Green, Candida: 76, 77
 Lyons, Leonard: 22, 28, 29, 115
 MACGUINNESS, PATRICK: 67, 143
 MacLiammoir, Michael: 109, 110
 MacNeven, William: 55
 Madison Avenue: 134, 141
 Mailer, Norman: 44, 101
 Manhattan: 15, 45-6, 102, 125, 128,
 130-2

- Mannix, Arcebispo: 128
 Ma O'Brien's: 63
 Martini, Edifício: 43
Marty: 25
 Masters, Edgar Lee: 72
 Mawr, Faculdade de Bryn: 23
 McCarthy, Senador: 74, 140
 McCormick, Tommy: 63-4
 McGlory, Kevin: 65
 McNulty: 61
 McSorley's Old Ale House: 57
 Mencken, H.L.: 61-2, 100
 Mercado de Washington: 56
 Merman, Ethel: 25
 Metropole, O: 47
 Miller, Arthur: 73
 Monte Rosa: 132
 Mott Street: 120
 Muçulmanos negros: 90
 Museu de Arte Moderna (MoMA):
 33
- NATIONAL BROADCASTING
 COMPANY: 53
Negros, Os: 102
New York Herald Tribune: 50
New York Post: 22, 61, 118
New York Times, The: 50
Nus e os Mortos, Os: 44
- «OVER THERE»: 47
 O. Henry's Steak House: 101
 O'Neill, Eugene Gladstone: 73
 O'Neill, James: 74
 O'Neill, Shane: 73
 O'Shea, Kitty: 73, 140
 O'Sullivan, Séan: 19
 Oasis, Saloon: 78, 79
 One Sheridan Square: 102
- P.J. CLARKE'S: 65
 Paar, Jack: 53
 Paris: 32, 43, 44, 91, 99, 104-6, 108,
 114, 133
 Parnell: 73, 119, 140
People: 72
 Phoenix Park: 95, 114
 Picasso, Pablo: 29, 30, 33
 Piccadilly: 46
 Pines Boatel: 86
 Pogo: 61
 Porto de Nova Iorque: 44-5
Pravda: 51
 Presidente das Nações Unidas: 118,
 129
Profissão de Casbel Byron, A: 51
- QUARE FELLOW, THE: 102
 Quintero, José: 102
- RABELAIS, FRANÇOIS: 80
 RCA: 53
 Restaurantes Schrafft's: 79
 Rhys, Keidrych: 71
Richard's Cork Leg: 105
 Ricky's: 101
 Roaring Twenties Club: 28
 Robards Jr., Jason: 128
 Rogers, Padre Herbert: 22
 Roosevelt, Franklin D.: 74
 Rousseau, Henri: 31
 Runyon, Damon: 52
 Russell, Nipsey: 93
- «SEIS CARNICEIROS DA BROADWAY»:
 49
 Saint Nicholas Avenue: 93
 Saint Nicholas Terrace: 30
- Saints and Sinners Club: 51
 Salão de Baile Savoy: 90
Sammy's Bowery Follies: 117
 São Januário: 100
 São Patrício: 19-20, 22, 47, 56, 68, 92,
 101, 110
 Sardi, Vincent: 29, 48-50, 132
 Seal, Elizabeth: 52
 Shakespeare, William: 50-1, 105, 113
 Shaw, Bernard: 51
 Sheridan, Capitão: 45, 102
 Silver Rail: 79-80
 Sinn Fein: 90-1, 106
 Sloan, John: 59, 72
 Smith, Al: 59
 Smithwick, Walter: 15
 Sociedade de Teatro de Paris: 43
 Soho: 106
 Stefan's: 101
 Stein, Gertrude: 105
Studs Lonigan: 72
 Supremo Tribunal Americano: 26-7
- TAUBMAN, HOWARD: 50
 Teatro Abbey: 46
Tenth Man, The: 25
 Théâtre de l'Oeuvre: 105
 Théâtre des Nations: 43
 Thomas, Caitlin: 71
 Thomas, Dylan: 8, 71-2, 101
 Thompson, Dorothy: 74
 Thurber, Jim: 61, 107
 Times Square: 14, 16, 47
 Toklas, Alice B.: 105
 Tone, Franchot: 65-6
 Tone, Theobald Wolfe: 66
 Toronto: 16
- Tubby the Tuba*: 74
 Tunney, Gene: 50, 51
- UIVO: 106
Ulysses: 105, 122
 Universidade de Vassar: 18, 23
- VERSALHES: 43
- WALDORF ASTORIA: 114
 Walker, Jimmy: 59
 Wall Street: 54, 125
 Washington, D.C.: 27, 35-6, 56, 136-7
 Washington, George: 55
 Washington Arch: 101
 Washington Square: 101, 102
 Waugh, Evelyn: 109
 West End: 12, 89
 Whipsnade, Jardim Zoológico de:
 95
 White Horse: 101
 Wilde, Oscar: 87, 118
 Wilder, Thornton: 107
 Wolfe, Thomas: 66, 72
 Woollcott, Alexander: 62
 Wright, Joseph: 55
- YALE: 51
 Yeats, Jack: 13
 Yeats, William Butler: 13, 30
 Yevtushenko: 13
 Yom Kippur: 22

NOTA BIOGRÁFICA

BRENDAN BEHAN (1923-1964) foi um destacado poeta, romancista e dramaturgo irlandês, que escreveu tanto em inglês como em irlandês.

A sua ligação de juventude ao IRA levou-o à prisão, experiência que relata no romance autobiográfico *Borstal Boy*, de 1958.

Behan escreveu também, de forma crítica, sobre os seus antigos companheiros na peça de teatro *The Hostage*, de 1957.

Além do reconhecimento como escritor, Behan tornou-se conhecido como personagem singular e heterodoxa, por vezes provocadora, fama essa em parte motivada pelo seu consumo imoderado de álcool, que seria a causa da sua morte prematura. Ele próprio se definia como «um alcoólico com problemas de escrita».

Nova Iorque é o primeiro livro do autor publicado em Portugal.



NESTA COLECÇÃO

Morte na Pérsia

Annemarie Schwarzenbach

(trad. Isabel Castro Silva)

Nova Iorque

Brendan Behan

(trad. Rita Graña)

Uma Ideia da Índia

Alberto Moravia

(trad. Margarida Periquito)

Histórias Etíopes

Manuel João Ramos

Paris

Julien Green

(trad. Carlos Vaz Marques)

Na Síria

Agatha Christie

(trad. Margarida Periquito)

O Japão é Um Lugar Estranho

Peter Carey

(trad. Carlos Vaz Marques)

A Viagem dos Inocentes

Mark Twain

(trad. Margarida Vale de Gato)

Veneza

Jan Morris

(trad. Raquel Mouta)

Viva México

Alexandra Lucas Coelho

Caderno Afegão

Alexandra Lucas Coelho

Jerusalém – Ida e Volta

Saul Bellow

(trad. Raquel Mouta)

Disse-me Um Adivinho

Tiziano Terzani

(trad. Margarida Periquito)

Caminhar no Gelo

Werner Herzog

(trad. Isabel Castro Silva)